

Rio Grande do Sul: a nova fronteira da celulose

Estado está na mira de grandes empreendedores do setor, que prevêem investir mais de US\$ 5 bilhões na região nos próximos anos. Assim, em 2015, o Rio Grande do Sul deverá responder por mais de 3 milhões de toneladas de produção de celulose brasileira

Por Marina Faleiros

“Bah, tchê! O eucalipto não seca nada!”. É com essa expressão gaúcha e um sorriso no rosto que o agricultor Jackson Granke quebra o mito e fala a verdade sobre o plantio de eucalipto para produzir celulose. Granke integra o grupo de pequenos agricultores que estão apoiando um dos projetos que está para chegar ao Rio Grande do Sul, com promessa de mudar a dinâmica da base econômica do Estado a partir da criação de um novo pólo produtor de celulose no Brasil.

Juntas, a Aracruz, a Votorantim Celulose e Papel (VCP) e a Stora Enso deverão construir plantas industriais no Estado capazes de produzir mais de 3 milhões de toneladas de celulose por ano e, definitivamente, colocar o solo gaúcho como um dos protagonistas do setor responsável pela *commodity* no Brasil.

A idéia de explorar o Rio Grande do Sul partiu de um requisito básico para o setor de celulose e papel, que depende de base florestal: a disponibilidade de terras. A região, amplamente usada para pastagens, já passou por ciclos de produção de outras culturas, como o da soja, que mais tarde abandonou as terras gaúchas. Em um passeio pelas zonas rurais, percebe-se nitidamente a ainda forte ligação regional com o gado, com imensos campos abertos e pastagens a marcar a vista que se tem de qualquer estrada.

Na metade sul do Estado, os bois também dividem espaço com uma importante produção de arroz no Rio Grande e alguns pequenos agricultores apostam no milho. Os eucaliptos ainda são minoria. “Juntos, todos esses novos projetos ocuparão cerca de 0,8% das terras do Estado. O gado, por exemplo, atualmente se faz presente em 45% do território”, comenta Otávio Pontes, vice-presidente da Stora Enso para a América Latina.

Com uma disputa relativamente



DIVULGAÇÃO VCP/ NAURO MACHADO

Solo gaúcho ainda é marcado pela presença do gado, que agora também começa a pastar entre os eucaliptos

baixa por fazendas e dotado de clima apropriado para o cultivo do eucalipto, o Rio Grande do Sul chamou a atenção dos produtores de celulose, como explica a economista Maria Benetti, da Fundação de Economia e Estatística do Rio Grande do Sul, ligada ao governo do Estado. Ela conta que as regiões onde se localizam os projetos de celulose são ainda áreas vazias, “em geral, utilizadas pela pecuária extensiva, muitas das quais exploradas com baixa produtividade, com potencial de exploração pela silvicultura, de maneira adequada”, diz.

A presença do setor de celulose e papel no Estado ainda é tímida. Conforme Benetti, o Rio Grande do Sul conta com, apenas, 7% da área das florestas plantadas brasileiras. “No que diz respeito à produção de celulose, contribui com somente 4,3% do volume industrial nacional; na produção de papel, a presença do Rio Grande do Sul está ainda menos expressiva, pois seu peso no agregado é de tão-somente 2,4%.”

Entre as companhias que produzem papel no Estado está a Trombini, há mais de 30 anos na região. “É uma área com bom mercado consumidor, como empresas de sapatos, alimentos

e vinhos. Como fabricamos papelão, a proximidade com o cliente tem importância fundamental para uma logística competitiva. Hoje, a Trombini deve 40% de seu faturamento à Região Sul”, conta Gilmar Maffei, gerente regional da empresa.

Segundo ele, o mercado na região vem crescendo de 3% a 5% por ano, o que estimula investimentos. A máquina de papel da Trombini, instalada na cidade de Canela, por exemplo, passou por duas grandes reformas – a última no ano passado, para melhoria da tecnologia de amido, visando a uma maior resistência do produto. No meio de uma região totalmente voltada ao turismo, como a Serra Gaúcha, Maffei acredita que o setor, ainda mais com os novos investimentos, agrada muito os gaúchos.

Sendo assim, os investidores da celulose prometem aquecer a economia regional. Com a nova fábrica, a Aracruz estima a possibilidade de comprar em torno de US\$ 300 milhões em serviços no entorno da fábrica. “Valorizamos a mão-de-obra local. A geração anual de divisas no Estado pode chegar a US\$ 780 milhões, além da circulação anual de riqueza a mais nas regiões de influência no valor de

US\$ 110 milhões”, avalia Otemar Alencastro, diretor do projeto da Aracruz em Guaíba (RS).

Com a celulose, se implantados todos os investimentos projetados, a situação do Estado mudará completamente. “Vamos passar de coadjuvante muito secundário para protagonista nesse mercado. A área relacionada ao plantio de florestas de eucalipto seria de 360 mil hectares – duas vezes a atual, de 180 mil hectares”, diz Benetti. Em toras de madeira, a produção passará de 2,6 milhões de metros cúbicos para 13,7 milhões, ou seja, um incremento superior a cinco vezes. O novo volume de madeira, diz Benetti, permitiria produzir cerca de 3,8 milhões de toneladas de celulose, 8,5 vezes a mais do que a quantidade de 446 mil toneladas registrada em 2005. “No caso das exportações de celulose estaduais, poderiam passar de 353 mil para algo em torno de 3 milhões de toneladas.”

FÔLEGO NA INFRA-ESTRUTURA

Na busca pelo Estado do Rio Grande do Sul por propriedades com plantações de eucalipto e viveiros pelo

setor, há uma clara constatação sobre a logística regional: falta asfalto nas estradas. Considerando-se que cada fábrica, com produção aproximada de 1 milhão de toneladas de celulose por ano, colocaria nas ruas até 100 caminhões diariamente, o problema da infra-estrutura rodoviária poderá agravar-se no futuro. Sendo assim, o investimento regional remete automaticamente à injeção de capital na infra-estrutura logística, entre outros pontos.

A Aracruz está bem colocada às margens do Rio Guaíba, para que o transporte seja feito por cabotagem até o município de São José do Norte, onde a empresa comprou terras para construir um terminal próprio de exportação. Hoje, na fábrica, já funciona um terminal de cargas que atende à Aracruz Guaíba.

Com a nova planta, a Aracruz pretende aumentar seus armazéns e criar uma cobertura para toda a sua área de carregamento, em um modelo que os técnicos da empresa já viram em funcionamento na Finlândia – irão criar um galpão sobre o cais da empresa, com cerca de 90 metros de

extensão, para que as embarcações possam entrar e serem carregadas de celulose mesmo em condições climáticas ruins.

Além disso, no projeto da nova planta da Aracruz estão previstas, em parceria com o governo local, diversas obras de melhoria da infra-estrutura regional, entre as quais o asfaltamento da rodovia RS-703, o asfaltamento da ligação municipal de Guaíba com Barra do Ribeiro (onde fica o viveiro da empresa) e a construção de trevos de acesso, ampliações de pistas e rotatórias.

A Aracruz Celulose também promete ressuscitar o sistema hidroviário do rio Jacuí, pelo qual deverá trazer toras de madeira para sua fábrica. Como afirmou a governadora do Rio Grande do Sul em entrevista a *O Papel* (confira na seção *Entrevista* desta edição), os investimentos do setor apontam para uma transformação somente imaginada pelo Estado na época da revolução Farroupilha. “Sem dúvida, o Rio Grande do Sul iniciará a tão sonhada navegação fluvial com benefícios econômicos, sociais e culturais”, aposta a governadora.

Ao todo, os investimentos da Aracruz na parte hidroviária devem ficar em torno de US\$ 225 milhões, incluindo um sistema de barcaças. No longo prazo, os custos irão se justificar, conforme Alencastro: “Cerca de 60% do custo de qualquer commodity, como a celulose, refere-se à logística. Então, toda otimização no transporte é muito importante.” O sistema de transporte da Aracruz pelo rio deverá representar até 50% de toda a madeira levada para a fábrica, somando 2,5 milhões de toneladas de madeira por ano.

Em relação à Stora Enso, multinacional sueco-finlandesa cujo investimento toma a parte leste do Estado e está mais distante do porto,



Produção da Trombini, em Canela: proximidade com bom mercado consumidor

os planos apontam para a utilização, também, do meio ferroviário. Apesar das linhas existentes na região, há necessidade de novos investimentos e adequações para o transporte de celulose. Portanto, uma parceria com a ALL, que administra a ferrovia local, está sendo levada em conta pela companhia.

De acordo com Sinésio Cerqueira Neto, diretor-superintendente do porto do Rio Grande – pelo qual ocorre o escoamento da produção do Estado –, as empresas do setor já têm hoje grande importância para o porto. A expectativa de crescimento é tanta que já está sendo estudado o projeto de um terminal específico para embarque de produtos florestais com 600 mil metros quadrados de área e capacidade de receber até três navios simultaneamente.

“O projeto já foi aprovado pelo Conselho de Autoridade Portuária; agora, estamos fazendo preparação de estudo de viabilidade econômico-financeira, para ver se a estrutura comporta bem, para depois entrar com a licitação pública e a obtenção de licenças ambientais”, posiciona Cerqueira Neto. Ele ressalta ainda a importância da iniciativa da Aracruz com o projeto de investimento imediato na construção de um terminal marítimo na cidade de São José do Norte, localizado na outra margem do porto do Rio Grande. “Embora seja um dos municípios mais pobres do Estado, possui infra-estrutura muito boa, mas nunca explorada antes.” A partir da produção estimada de celulose, Cerqueira Neto avalia que o volume de embarques pelo terminal passe de 350 mil para 700 mil toneladas anuais já em 2008.

VCP: PROJETO PARA OUTRAS GERAÇÕES

Em razão do forte impacto na economia local, entre outros fatores,



BANCO DE IMAGENS ABTCP/MARINA FALEIROS

Fardos de celulose da Aracruz prontos para serem transportados pelo rio Guaíba (ao fundo)

a VCP, quando decidiu investir na construção de uma planta de celulose no local, preocupou-se com outros fatores além dos negócios em si. O diretor florestal da companhia, José Maria de Arruda Mendes Filho, ficou encarregado de pensar em como a comunidade poderia estar envolvida em algo que não ficaria lá apenas por um curto período de tempo, mas por, pelo menos, 100 anos.

“Trata-se de um projeto para o futuro, pois o bebê que nasce hoje vai consumir, depois, o papel das árvores agora plantadas. Neste tipo de empreendimento, não se pode esquecer do meio ambiente, com sustentabilidade de negócios, incluindo a geração de renda aos colaboradores do campo e competitividade empresarial em nível mundial”, afirma Mendes Filho. Por isso, ao chegar ao Rio Grande do Sul, a VCP não se limitou a comprar fazendas e a plantar o que precisava de eucaliptos para sua produção.

O diretor florestal explica que a empresa quis que a população, incluindo pequenos produtores e assentados, pudesse fazer parte do negócio. Partindo de Pelotas, a maior cidade do extremo sul do Brasil, a equipe da VCP botou o pé na estrada – de asfal-

to e de terra – e foi atrás de vilarejos escondidos pelo Rio Grande, onde moram produtores rurais assentados e descendentes de imigrantes europeus, com a intenção de mostrar a todos que a possibilidade de participar do Losango, como é chamado o projeto da VCP na região.

Com a ideia do projeto Poupança Florestal (*Leia mais no box desta reportagem*), a VCP conseguiu atrair 4 mil produtores para o plantio de eucalipto voltado à produção de celulose. Assim, construiu, conforme Mendes Filho, um futuro em comum para a empresa e os pequenos produtores florestais. A fábrica do projeto Losango ainda não tem local definido, mas a estrutura, que está sendo montada no Estado, surpreende pelo tamanho, a começar pelo “berçário” de toda a fábrica de celulose: o viveiro.

Para preservar a assepsia e minimizar a entrada de pragas, todos os veículos que chegam ao viveiro precisam passar por uma ducha. Ao entrar na propriedade, uma espécie de portal solta jatos de água com desinfetante, para diminuir as chances de contaminação. Logo depois, seguindo uma estrada de cascalho, está o Núcleo de Educação Ambiental (NEA),



Projeto da VCP está em fase de plantio e quer inserir no projeto produtores locais, como o casal Mário e Leonídia

que funciona como uma escola para as crianças da região, que recebem conhecimentos sobre fabricação de celulose e consciência ambiental. Desse ponto já se é possível ver os imensos galpões onde se produzem 30 milhões de mudas por ano.

Na prática, são 27 hectares de terreno, onde pequenos eucalyptos crescem em estufas com aquecimento, teto retrátil e adubação eletrônica. Como numa linha de montagem industrial, os funcionários trabalham com equipamentos modernos e ergonômicos – até as mesas em que as mudas são plantadas estão ajustadas na altura do trabalhador e esteiras rolantes funcionam para levar engradados de eucalyptos de um lado ao outro do viveiro, em distâncias que ultrapassam os 100 metros.

A futura fábrica da VCP será capaz de produzir 1,3 milhão de toneladas de celulose por ano, de acordo com o diretor de Engenharia Industrial da VCP, Carlos Monteiro. O projeto será parecido com o que está em fase de implantação em Três Lagoas (MT). “Essas serão as maiores fábricas *single line* do mundo, o que barateia

custos de implantação”. A ideia de implantar fábricas tão grandes partiu do aumento do custo de instalação, decorrente de aumentos de preços do aço e níquel, o que elevou preços de componentes. “A solução para ter um retorno atrativo em dólares por tonelada de celulose foi aumentar a escala”, explica Monteiro.

Para colocar tudo isso de pé, a empresa pretende contratar mais de 8 mil funcionários nos momentos de pico, quando serão servidas 24 mil refeições por dia e mais de 16 mil pães. Monteiro garante que a empresa atende a todos os requisitos ambientais, tanto nacionais quanto internacionais. “Essas fábricas poderiam ter sido instaladas em qualquer lugar do mundo, pois atendem a todas as exigências do mercado internacional. O principal mercado para a celulose feita no Sul é o asiático, mas vendas também serão feitas para a Europa e os Estados Unidos.”

Segundo Monteiro, há expectativas de que se defina a cidade para a construção da fábrica até a metade de 2008. “No final do ano, pretendemos ter a licença ambiental pronta para

começar a construção no ano seguinte, por volta de agosto.” O investimento total da VCP no Rio Grande do Sul, envolvendo fábrica e florestas, ficará em torno de US\$ 2 bilhões.

STORA ENSO: O COMEÇO

O projeto da Stora Enso para o Rio Grande do Sul está ainda na fase de preparação da base florestal. Provavelmente, das três grandes fábricas planejadas para a região, a da multinacional sueco-finlandesa deverá ser a última a entrar em operação, por volta de 2015. Por enquanto, já foram plantados 46 mil hectares de eucalypto. “Temos a intenção de contar com 100 mil hectares plantados, o que vai sendo feito à medida que obtemos as licenças florestais”, diz Otávio Pontes, vice-presidente da Stora Enso para a América Latina.

Ao todo, 11 municípios estão sendo trabalhados para receberem plantios, em um dos quais será instalada a fábrica, que produzirá apenas celulose 100% para exportação. O projeto, ainda em fase inicial de plantios, já recebeu investimentos de R\$ 100 milhões no Estado, com 40 funcionários trabalhando para a empresa no Sul. “É uma região muito pobre do Estado e que sofre com o problema de fixação de pessoas no campo. Há carência de investimentos, mas, quando começam a ver as plantações, as pessoas já começam a se movimentar”.

Para integrar-se com a população, diz Pontes, a empresa já realizou audiências públicas e trabalha passo a passo com todas as licenças ambientais prévias, para dar continuidade ao projeto. “Esse tipo de processo é muito importante, porque dá base para a empresa ter segurança no futuro também”. A futura fábrica deverá ter capacidade para produzir cerca de 1,3 milhão de toneladas de celulose por

ano, que serão destinadas para as próprias fábricas de papel da Stora Enso espalhadas pelo mundo. “Na produção de celulose, o importante é estar perto da matéria-prima; a fibra e as fábricas de papel precisam estar próximas ao mercado consumidor”, explica. A empresa também está dando andamento a um projeto semelhante no Uruguai, na China, na Rússia e em Laos.

Entre os motivos que atraíram a empresa para a região Sul do Brasil foi a disponibilidade de terras e a topografia, além do favorável regime de chuvas. De acordo com Otávio Pontes, a idéia de que as empresas de eucalipto vão invadir o Estado e causar algum problema é errada, já que a esmagadora maioria de hectares ainda continuará sendo usada para o plantio de arroz e para o gado. “São 15 milhões de hectares para o arroz, e o gado domina 45% das terras do Estado”. De acordo com o executi-

vo, as questões sociais não deverão atrapalhar a vontade das empresas de se fortalecerem na região. “Realizamos uma ampla auditoria, além de pesquisas de opinião, o que nos incentiva e nos deixa tranquilos, pois o Estado está muito receptivo aos investimentos”.

ARACRUZ APOSTA NA SEGUNDA FÁBRICA

Prova de confiança no desenvolvimento do Rio Grande do Sul pode também ser observada na intenção da Aracruz Celulose, que pretende ampliar sua unidade de produção, localizada em Guaíba, a apenas 30 minutos da capital do Estado gaúcho, Porto Alegre, e às margens de um rio pelo qual os produtos da empresa podem seguir até o porto de Rio Grande.

Perto do centro econômico do Estado e com vantagens logísticas, a empresa colheu bons resultados

na região e decidiu partir para um plano de desenvolvimento ainda mais arrojado: construir a segunda linha de produção no Rio Grande do Sul. O projeto prevê ampliar a capacidade de produção da Aracruz, que passará das atuais 450 mil para 1,8 milhão de toneladas por ano da commodity gerada na região. “Hoje, temos 110 mil hectares de eucalipto. Vamos passar para 250 mil, com 90 mil de área de preservação”, conta Otemar Alencastro, diretor do projeto.

A empresa está tão otimista que já começou a “quebrar” algumas partes no interior da fábrica, para deixar o terreno livre para o que está por vir, assim que as licenças de funcionamento forem concedidas pelo governo. A licença prévia para a instalação da segunda linha foi obtida da Fepam – Fundação Estadual de Proteção Ambiental do Rio Grande do Sul – no fechamento desta edição, e o projeto agora deverá passar pela aprovação do Conselho

ar & água

NÓS SABEMOS COMO TRATAR ESSES ELEMENTOS

A **ENFIL** é uma empresa com vasta experiência no fornecimento de sistemas para Desempeiramento, Dessulfurização de Gases, Tratamento de Água, Tratamento de Efluentes Líquidos e Serviços Especializados.

Atuando no mercado nacional e internacional a ENFIL conta com expressivos fornecimentos realizados a importantes empresas do setor de Papel e Celulose.

Tecnologia de ponta, que proporciona as melhores e mais eficientes soluções em prol do meio ambiente.



DESEMPOEIRAMENTO | DESSULFURIZAÇÃO DE GASES | TRATAMENTO DE ÁGUA | TRATAMENTO DE EFLUENTES | SERVIÇOS ESPECIALIZADOS



Av. Brigadeiro Faria Lima, 1912 • 16º andar • 01451-000 • São Paulo • SP • Brasil • Tel: 11 3093-2727 • Fax: 11 3093-2728 • E-mail: enfil@enfil.com.br

www.enfil.com.br



Gaúchos nos pampas: Stora Enso acredita no apoio da população para o projeto

da empresa para continuar a ser tocado. “Pelo fato de já termos uma unidade, a construção da nova planta será integrada à atual, o que nos possibilita uma economia de cerca de 20% no custo de fabricação da celulose”, avalia.

A entrada da fábrica também reflete o conceito que a Aracruz pretende passar para a população local: ecoeficiência. Cercada por um bosque que conta até com um mini-zoológico, as instalações da Aracruz estão totalmente integradas e em harmonia com o meio ambiente. A reciclagem é referência também de sustentabilidade do negócio; portanto, recicla-se o máximo possível. Para se ter uma idéia, a estação de tratamento de efluentes funciona em três estágios. “Só cinco fábricas de celulose no mundo operam desta forma. Muitas vezes, devolvemos à natureza a água mais limpa do que a que captamos”, conta Alencastro.

Além disso, a nova fábrica da Aracruz Celulose terá as mais modernas instalações de recuperação química, com as quais irá também gerar energia para sua auto-suficiência e um excedente de 15 MW, vendido ao mercado.

Quanto ao efluente, é prevista a reciclagem de todos os resíduos sólidos, que, após tratamento, poderão ser vendidos como adubo orgânico, algo a demonstrar também uma das práticas



Viveiro da Aracruz: 30 milhões de mudas por ano são produzidas ali

ecoeficientes a partir da reutilização de resíduos. “A redução do consumo de água também merece destaque. Deveremos passar de 4 metros cúbicos para 1,8 metro cúbico por segundo, o que representa redução de 55%.”

Com tudo muito bem planejado – e muita vontade de realizar –, os gestores do projeto da Aracruz em Guaíba esperam obter, até o final deste mês de março, a concessão para dar início às obras de expansão. “Se tudo correr conforme o esperado, a partida da nova fábrica ocorrerá em meados de 2010.” No total, Alencastro indica que os investimentos da empresa no novo projeto da fábrica irão somar US\$ 2,5 bilhões.

ANTES DA FÁBRICA

Enquanto a nova planta aguarda a liberação do Conselho para começar a levantar suas bases de infra-estrutura, o que atrai as atenções, quando se viaja pelas estradas do Rio Grande do Sul, é o viveiro da Aracruz, que vai transformando a paisagem ao longo do caminho. Na estrada de terra que segue de Barra do Ribeiro, o eucalipto desponta em algumas propriedades como pano de fundo de grandes lavouras de arroz e pastos para gado.

Com capacidade para produzir 30 milhões de mudas, o coordenador do viveiro, Antonio Jair de Freitas, comemora

o fortalecimento da empresa na região. “Começamos a expandir a produção de mudas em 2006, e o tamanho de nosso viveiro cresceu 10 vezes, para acompanhar o projeto de expansão da Aracruz. Hoje fornecemos metade dos 65 milhões de mudas que a empresa demanda anualmente, com objetivo de expandir sua base florestal”, orgulha-se Freitas.

No local, não existem nem sinais de que aquele já foi o palco de um dos eventos mais traumáticos do setor de celulose nos últimos anos, quando membros do movimento da Via Campesina invadiram o viveiro e destruíram o máximo que puderam das instalações. “As perdas chegaram a US\$ 20 milhões, mas fizemos um mutirão de mil pessoas e, em uma semana, tudo já estava de pé. Essa atitude de destruição não afetou em nada nossos investimentos”, lembra Freitas, responsável pelo viveiro.

Agora, a área de 80 mil metros quadrados está equipada com sistemas de coleta de água de chuvas e adubação eletrônica, por onde milhares de mudinhas passam a cada mês. “O viveiro é algo que precisamos carregar no colo, porque a qualidade nutricional do que produzimos aqui vai garantir o maior nível de enraizamento depois”, explica Freitas. Ou seja, o futuro de uma grande planta de celulose começa com uma pequenina muda.



Família de Jackson Granke plantou eucalipto em 3 hectares e acredita na renda com a floresta

Aposta na poupança verde

Quando o agricultor Jackson Granke plantou três hectares de eucalipto em sua propriedade, na zona rural de Pelotas (RS), levou sua esposa, Vânia, todos os dias, durante três meses, para olhar cada pé de eucalipto e ver cada arvorezinha que tinha plantado. “Vínhamos todos os dias para olhar cada muda, verificar se não tinha formiga. Se tivesse, tirávamos, e cuidávamos para que o eucalipto crescesse bem. Houve dia em que o eucalipto cresceu quatro centímetros!”, conta orgulhoso o pequeno agricultor, ao observar as árvores saudáveis e com mais de 10 metros de altura hoje, depois de apenas um ano e dois meses de plantio.

Tanto esmero para cuidar do eucalipto não vem à toa, já que as árvores representam uma espécie de poupança viva da família Granke, que faz parte do programa Poupança Florestal da VCP. A idéia é simples: o pequeno produtor rural se inscreve no projeto e, se sua propriedade possuir condições para o plantio, recebe um financiamento do BNDES, por intermédio do Banco Real, para plantar as mudas de eucalipto.

Assim, o produtor recebe as mudas da VCP junto com o dinheiro para começar o plantio, inclusive em quantidade suficiente para contratar um trabalhador para ajudá-lo, se necessário. Ele fecha um contrato de venda com a VCP, que garante sua produção florestal, corrigido a cada ano. Ao final de sete anos, recebe o dinheiro da madeira, com o qual pode pagar o empréstimo. “Daqui a sete anos vai dar para comprar um trator novo ou mais um pedaço de terra”, comemora Granke. Quem também está feliz com a aposta é o casal Leonídia Frehuf e Mário Farias Lemes, que plantaram oito hectares de eucalipto: “Foi muito bom, porque fiz o curso e aprendi sobre meio ambiente. É importante deixar a área para preservação”.

A iniciativa da VCP traz uma série de pontos que ainda trabalham a comunicação com a sociedade. Uma das idéias consiste em estimular a consciência ambiental e mostrar que o eucalipto não é nocivo à natureza. Para plantar, o produtor precisa passar por um curso de três dias, no qual aprende a topografia de sua terra e entende por que é importante deixar parte da mata nativa preservada em sua propriedade particular.

Quem planta o eucalipto da VCP precisa deixar a mesma quantidade de terra disponível para preservação – compromisso existente também entre o pequeno agricultor e a VCP em prol do meio ambiente. Além disso, no primeiro ano, quando o eucalipto ainda está pequeno, os produtores recebem sementes de alimentos, como milho e batata, doadas pela própria VCP, para que sejam plantadas entre as fileiras de eucaliptos.

Resultado dessa receita? O produtor Lemes colheu 50 sacos de milho, usados para a criação de gado, que também pasta por entre os eucaliptos. A família Granke colheu entre as árvores 55 sacos de milho, comprovando, na realidade, que o eucalipto não seca nada mesmo no solo. Essa verdade é o que eles irão divulgar aos quatro ventos para todos os vizinhos e conhecidos moradores da região... 